

Temporada 2023/2024 – Um Chão Comum

Dança

Grande Auditório

Sáb, 19h00

M/6

18 nov
2023

Estévez/Paños y Compañía

La Confluencia

© Beatriz Mexi Molnar

CCB

La Confluencia

Direção artística e coreografia
Rafael Estévez, Valeriano Paños

Música
Música popular do flamenco e do repertório tradicional.
Rafael Jiménez «Falo»
Claudio Villanueva
Iván Mellén Rafael Estévez

Música, guião, repertório **Rafael Estévez**
Textos **Repertório tradicional espanhol.**

Desenho de luz **Olga García - AAI**
Som **María José Fuenzalida**
Direção de cena **María Viñuela**
Direção técnica **Olga García**
Road manager **Rocío Sánchez**

Bailarinos
Rafael Estévez, Valeriano Paños
Alberto Sellés / Jorge Morera / Jesús Perona

Guitarrista **Claudio Villanueva**
Cantor **Rafael Jiménez «Falo»**
Percussionista **Lito Manez**

Produção **Estévez/Paños y Compañía – GNP Producciones**
Distribuição em Espanha **GNP Producciones**

Distribuição internacional e agenciamento **Aurora Limburg**

Esta produção recebeu o apoio público da
Agencia Andaluza de Instituciones Culturales | Instituto Andaluz de Flamenco (Sevilha), Centro Coreográfico Canal, Teatros del Canal (Madrid)



© Beatrix Mexi Molnar

(...) La Confluencia é um projeto que visa criar coreografias a partir de uma linguagem de dança flamenca atual (...)

Programa

Introdução: 5-Dos.Tres. Pinche-Jácara / Elegido Y Animoso.

Confluencia #1: Ay / A.A.A.A_C (Ay! Africa, América, Aragón, Alosno _Cádiz). Trilla, Alegría, Seguidilla Alosnera, Bulerías y Pregón.

Confluencia #2: Varios Cincos / 5 Casi Seis / España...Tatatá.

Confluencia #3: Romance Del Conde Sol O La Boda Estorbada.
Romances, Soleá, Caña y Polo.

Confluencia #4: Seguriya 1-3-5.
Livianas, Toná y Liviana, Seguriya.

Confluencia #5: «Join».
Zarabanda, Tangos, Zambra

2/ Textos declamados por **Rafael Estévez**
(Fonte: Texto proveniente do repertório popular).

A/
«A Las Dos De La Noche Los Campanilleros
Con El Ruido De Sus Campanitas Me Quitan El Sueño»

B/«Zarabanda»
(Fonte: Textos dos séculos XVI-XVII).

1/
*Mandan Los Señores Alcaldes
De La Casa Y Corte De Su Majestad
Que Ninguna Persona Sea Osada
De Cantar Ni Decir Por Las Calles
Y Casas Ni En Otra Parte
El Cantar Que Lllaman De La Zarabanda
So Pena De Cada Doscientos Azotes
Y A Los Hombres De Cada Seis Años De Galeras
Y Las Mujeres De Destierro Del Reino
Baile Tan Lascivo, Tan Feo En Los Menos
Que Basta Para Pegar Fuego
Aún A Las Personas Muyhonestas*

2/

*Parece Que El Demonio
Ha Sacado Del Infierno
Estos Lascivos Bailes
Porque Se Hacen
Con Meneos Del Cuerpo
Descompuestos*

3/

*La Zarabanda:
Baile
De Cosquilla Y Picor*

4/

*Etíopes
Trajeron
A Este Mundo
La Zarabanda*

5/

*Un Baile
Que Haría
Resucitar
A Un Muerto
Esparcir
Cerner
Andar A La Redonda*

6/

*No Hace Muchos Años
Que Todavía
Se Oyo Cantar
Y Se Vio Bailar
Por Una Cuadrilla
De Gitanos Y Gitanas
En Algunas Ferias
De Andalucía*

7/

*Tan Movidas
Tan Sensuales
Tan Lasciva
Tan Diabólica
Tan Movidas Y Sensuales
Tan Lasciva
Tan Diabólica*

8/

*Una Histrionisa De Licenciosa
Vida
Lo Resucitó En Sevilla, Sevilla
Ay Sevilla, Dónde Podemos Ver
A Las Niñas De Cuatro Años
Bailando
En Los Tablados El Endemoniado
Son De La Zarabanda
Deshonestamente
Y También, ¡Santo Dios!
En Diversos Monasterios
De Monjas Durante La Festividad
Del Corpus, Siendo Menester Que Se
Cubrieran Los Ojos Las Personas
Honestas Que Allí Estaban*

La Confluencia

Uma nova leitura da raiz dos códigos da arte flamenca

Desde o nosso início em 2003 como companhia artística, convergiram no nosso universo criativo a dança flamenca, a escola do bolero, a dança espanhola, o folclore, as formas antigas do flamenco e as das vanguardas históricas, a arte e a dança contemporânea. Esta pluralidade de estilos tem sido a base sobre a qual criamos uma linguagem coreográfica própria e genuína que combina tradição e vanguarda e que foi reconhecida com o Prémio Nacional de Dança 2019 na categoria de criação.

Um trabalho árduo de investigação sobre movimento, dança, música e cena, bem como o estudo e análise da história da arte em geral e da arte flamenca em particular e dos aspetos históricos, sociais e culturais do tema a ser discutido constituem a base que sustenta os trabalhos da Estévez/Paños y Compañía.

O flamenco é a nossa língua principal, o lugar onde, pela sua amplitude de estilos, possibilidades e nuances, procuramos e encontramos os conceitos, as essências e tudo o que queremos contar; por exemplo, numa canção flamenca de três ou quatro versos podemos encontrar a história de toda uma vida. *LA CONFLUENCIA* é um projeto que visa criar coreografias a partir de uma linguagem de dança flamenca atual que se alimenta do seu passado e das suas raízes e também da arte contemporânea. Uma dança flamenca que é filha dos tempos que vivemos... saber de onde viemos para saber para onde vamos.

Uma pesquisa coreográfica e musical de uma arte que as culturas branca, cigana, judaica e mourisca, juntamente com a negritude escrava e as idas e vindas atlânticas, criam em lume brando, estabelecendo assim as suas bases rítmicas, harmónicas e melódicas. Uma arte que também se alimenta do popular, da rua e da academia,

do estrangeiro e do local, das canções das montanhas, dos mineiros, dos *joteros* e *camperos*, dos mexicanos, cubanos, argentinos, atlânticos e mediterrâneos, das canções de embalar e dos romances sefarditas e também das zarzuelas, da música barroca, das boleras, dos guitarristas e músicos clássicos, das danças de chocalho, das danças folclóricas e regionais, das danças de pau, dos clássicos espanhóis e das formas estrangeiras. Todos estes elementos, e outros, são os ingredientes com os quais compomos os nossos repertórios e a nossa própria visão da arte flamenca... porque no final de contas, o flamenco é, como disse o brilhante Igor Stravinsky, uma «arte de composição», mas é também, segundo Jean Cocteau, um «estado de espírito», «tudo nele é único».

É por isso que em *LA CONFLUENCIA* serão interpretados a partir de canções populares que foram gravadas na antiga discografia de ardósia de Antonio Pozo os temas *el Mochuelo*, de Niño de la Isla, *el Pena Hijo*, de Niño de la Rosafina de Casares, e *Pastora Pavón*, da *Niña de los Peines*, ou aquelas canções que Rafael Jiménez «Falo» nos trouxe na era digital e que podemos encontrar na sua discografia: canções flamencas como *tonás* e *livianas*, *seguriyas*, romances soleares, *alegrías* ou tangos, entre outros.

E na procura do legado espanhol encontramos canções de embalar sefarditas que são um claro antecedente do *Romance de la Monja contra su gusto* que José de los Reyes «El Negro del Puerto» nos deixou gravado. Descobrimos *villancicos*, rondas e canções castelhanas que se parecem ligar às *bulerías* de Antonia Pozo, às cantadas por Pastora Amaya na longa-metragem *Duende y Misterio del Flamenco* de Edgar Neville (n. 1952) e às *bulerías* romanceadas e aos romances flamencos. E nesta investigação encontramos também as Jotillas de Cádiz, que vêm das jotas aragonesas e que hoje conhecemos como *Alegrías*, os baixos ostinato (baixos de dança) dos séculos XVI e XVII que facilitaram a improvisação e que vão gerar, como é o caso da Zarabanda (dança afro-americana), um compasso com uma medida de doze tempos, tonalidades do *soleá* e da *bulería* ou das *semicadenzas* ao quinto grau que se desenvolvem claramente nas *jácaras* e

especialmente nos fandangos indianos e que serão o cerne de um novo sistema harmónico que os flamencos adaptarão para as suas melodias.

E descobrimos noutras músicas inúmeras semelhanças com a música da província de Huelva; Jotas aragonesas muito parecidas com o fandango de Cabezas Rubias, *Rondeñas de Toledo* que são exatamente iguais ao Fandango popular de Huelva ou *Soleares* pré-flamenco que partilham parte da sua melodia com o Fandango de Encinasola... e em Alosno, *Trillas* que se combinam perfeitamente com as canções camponesas de Cuba que são as *Guajiras* ou as antigas *seguidillas* que podem alternar perfeitamente com as Livianas e Tonás-Livianas reconstruídas por Antonio Mairena a partir de uma canção que Juan Talega lhe transmitiu. Porque como afirmou Manolo Caracol: «Todas as pessoas cantam!!!», quando afirmou que o tango (*tiento*) de Cádiz foi criado por Enrique el Mellizo a partir de *La Manduca*, uma canção galega que foi cantada pela sua empregada.

Uma viagem que nos levará através de uma amálgama de timbres e harmonias, sons e sonoridades de um tempo passado, do povo, dos nossos antepassados... Através da dança, da música e do som podemos sentir como se estivéssemos num sonho no qual sentimos o futuro, num grande salão onde ainda ressoam ecos daquele tempo passado e distante, numa «sala dos sentidos» onde o som é natural, no mesmo espaço onde se realiza o espetáculo, ora amplificado para nos atingir emocionalmente, ora como um vendaval ensurdecedor, às vezes como uma brisa leve, como um sussurro... Um jogo baseado na instrumentação do flamenco como a voz, a guitarra, as palmas, a percussão e o sapateado... além de um apoio rítmico que será interpretado por um conjunto percussivo formado por instrumentos tradicionais de percussão (alguns deles estão presentes no flamenco nos anos do seu nascimento ou que fazem parte da vida quotidiana) como pandeiros, pandeiretas, pilão, colheres, painéis, pandeiro quadrado *Peñaparda* e *asturleonés*, caldeirão, tambor tabal, tambor (caixa), bombo, pratos *Verdiales* ou peneiras com os quais serão interpretados os ritmos das *bulerías*, *seguiriyas*, *soleares*, *tangos*,

tanguillos e *bulerías* que se fundirão e coexistirão com os ritmos típicos do folclore de Alosno como o 5/8 que também encontramos no *jazz* e que os flamencos adotaram desde o início do século XXI, os *fandangos* e *seguidillas alosneras*, a *jota* e o *bolero* (padrões curiosamente rítmicos que quando unidos resultam no padrão rítmico do *soleá* e que também podemos encontrar na *Zarabanda afro-americana*), as *charradas*, danças de *Peñaparda* (*Ajechao*, *Sorteao*, *Corrido e Brincao*), a dança *sanabrés*, *alboradas*, *verdiales*, *sevilhanas*, danças de pandeiro entre outros toques como as *zarabandas barrocas*, *jácaras*, *chaconas*, *canarios*, *marionas* ou *zarambeques*.

Corpos que dançarão e uma voz que cantará os textos do canto flamenco e da poesia popular que foram recolhidos entre outros por «Demófilo», Rodríguez Marín, Belmonte, Fernán Caballero, Lafuente e Alcántara e que encontramos em coletâneas e cancioneros como os populares de Múrcia e de Santander, nos Cantares de Castilla de Narciso Alonso Cortés, no *Cante Hondo* de Manuel Machado ou os incluídos por Federico García Lorca nas suas conferências, livros de poemas e peças de teatro.

Uma iluminação baseada na criação de ambientes, texturas, volumes e atmosferas que sustentarão a dança e toda a ação cénica e que ganharão sentido e vida através da mudança contínua, fluindo, como os fios da vida, que se misturando entre si darão origem, com a sua confluência, a novos caminhos ou espaços. Vamo-nos focar na proposta da luz em linhas e diagonais que iluminam, intensificam, se misturam ou combinam com outros elementos e onde os artistas serão parte ativa no fluxo e transformação da luz, acendendo e apagando as luzes sozinhos, no palco ou manuseando e manipulando pequenos holofotes, fazendo com que o espaço, as perspetivas e as formas mudem com o seu movimento e as pessoas e objetos iluminados, bem como as suas sombras projetadas, mudem de forma e dimensões para provocar diferentes sentimentos e emoções no espectador. Um espetáculo versátil, que graças a esta abordagem única pode ser apresentado em praticamente qualquer espaço: fechado, aberto, com

ou sem estrutura técnica e postes, com ou sem ruas, com fundo preto ou parede aberta ou sem paredes no caso de espaços abertos. Esses diferentes espaços onde o espetáculo poderá ser realizado serão como grandes telas nas quais se apresenta uma estética simples e sugestiva: instrumentos, pandeiros, chocalhos, garrafas, colheres, microfones, pequenos holofotes, sinos de vaca, algumas cadeiras e a fiação dos microfones e holofotes formando uma grande natureza morta que ganhará vida graças à manipulação de músicos e bailarinos; oito homens, oito perfis muito específicos que estarão vestidos com uma estética muito estilizada e austera de onde se pode ver o flamenco, o camponês, o bolero, o cigano, o bailarino, o majó, o manolo, o escravo, o convertido, o fugitivo, o montanhista, o americano, o andaluz, o homem... o homem contemporâneo.

Rafael Estévez & Valeriano Paños

O QUE DIZ A IMPRENSA

«Um espetáculo intenso e vibrante»

Fermín Lobatón, *El País*, 6 março 2022

«Uma masterclass intensa da história do flamenco»

Marta Carrasco, *ABC*, 24 setembro 2022

**«Uma autêntica enciclopédia, repleta de ritmos,
que os fãs não devem perder»**

Rosalía Gomez, *Diario de Sevilla*, 22 setembro 2022

Estévez/Paños y Compañía

Criada em 2003, a Estévez/Paños Y Compañía lidera como grupo emergente de flamenco e dança espanhola. Juntos, os fundadores Rafael Estévez & Valeriano Paños criaram diversas peças premiadas em Espanha e aplaudidas no estrangeiro: *Flamenco XXI: Ópera, café y puro* (Prémio Revelação no Festival de Jerez, 2008); *Dança 220V* (2010); *Romances* com direção de Juan Kruz Díaz de Garaio Esnaola (Melhor Direção Artística na VII Bienal de Flamenco, Sevilha, 2012); *La Consagración* (Melhor Coreografia na XVII Bienal de Flamenco, Sevilha, 2012); *Bailables* (2016); *Silencios* (2016) criado em residência artística na Universidade do Novo México (Albuquerque), *El Sombrero* (2019) apoiado pela Comunidad de Madrid - CAM, *La Confluencia* (2021) criado em residência artística nos Teatros del Canal com o apoio do Governo Andaluz e *El Cuaderno* (2021) apoiado pelos Teatros del Canal.

Em 2019, Rafael Estévez e Valeriano Paños receberam o Prémio Nacional de Dança entregue pelo Ministério da Cultura e Desporto do Governo de Espanha.

Os espetáculos da companhia foram apresentados em diversos locais: Madrid em Danza (Madrid), Mercat de les Flors (Barcelona), Festival Paris Quartier d'Été (Paris), Sadler's Wells Theatre (Londres), Manège de Reims - Scène nationale (Reims), Culturgest (Lisboa), Rotterdamse Schouwburg (Roterdão), Tanzhaus nrw (Dusseldorf), Días de Flamenco 25th Festival - Suzanne Dellal Centre (Tel Aviv) ou Ibérica Contemporánea (Santiago de Querétaro).

Contando com a admiração do cineasta Carlos Saura ou de bailarinos conhecidos como Rocío Molina ou Olga Pericet, Rafael Estévez & Valeriano Paños coreografaram diversos espetáculos para estes artistas (*Flamenco Hoy*, 2009; *El Dolor/Un cuerpo Infinito*, 2019). A sua criatividade constante e brilhante deu azo a ótimas críticas na imprensa.

Rafael Estévez (Huelva, 1979)

Aluno de Manolo Marín e Merche Esmeralda, Rafael Estévez trabalhou como solista na companhia de Joaquín Cortes. Como coreógrafo criou *Las Mil y una noches* com Antonio Canales, *El eterno retorno* com Rocío Molina e *Homenaje a Fosforito* de Javier Latorre.

Em 2010, foi diretor artístico do concerto de Miguel Poveda criado para a noite de abertura da Bienal de Flamenco.

Valeriano Paños (Barcelona, 1976)

Depois de concluir a sua formação no Conservatório de dança de Córdoba, Valeriano Paños ingressou na Compañía Andaluza de Danza (1993-1995) e depois no Ballet Nacional de Espanha (1998 a 2000).

Como solista colaborou com diferentes companhias:

José Antonio, Blanca del Rey, Antonio Márquez, Aida Gómez e Manolete.

Em 2011, foi premiado como Bailarino de Destaque pelo X Certame de Coreografia de dança espanhola e flamenco.

JÁ A SEGUIR
16 E 17 FEVEREIRO 2024

¡VIVA! Compañía Manuel Liñan

¡VIVA! é uma canção à liberdade de movimento, onde os papéis de género, num mundo codificado como o flamenco, são quebrados com alegria e prazer, criando novos terrenos que, embora inexplorados, não estão distantes. Numa chave celebrativa, Liñan propõe a pluralidade da dança flamenca, tanto através das suas diferentes formas como da sua singularidade. E fá-lo com seis bailarinas/os, que se encarregarão de explorar e mergulhar neste universo fascinante do flamenco *queer*.

Sexta, 21h00
Sábado, 19h00
Grande Auditório
M/6

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2023/2024



COFINANCIADO POR

